A força dos candidatos à reeleição e o desempenho dos desafiantes: uma análise da competição nas eleições legislativas

Felipe Lima Eduardo

Doutorando e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Pesquisador do Centro de Estudos Legislativos da Universidade Federal de Minas Gerais (CEL/UFMG)

Resumo: Este artigo explora o grau de competitividade das eleições legislativas brasileiras. O trabalho não só confirma a hipótese de que os candidatos à reeleição são eleitoralmente mais fortes do que os outros concorrentes, mas também traz como novidade o desempenho diferenciado dos candidatos que já exerceram cargos eletivos (candidatos de alta qualidade). O fraco desempenho dos novatos, aproximadamente 80% dos concorrentes, é outro destaque importante na análise. O artigo mostra que, por um lado, o grau de competitividade das eleições é baixo, pois a grande maioria dos votos concentra-se nos candidatos à reeleição. Por outro lado, a disputa entre candidatos à reeleição *versus* candidatos à reeleição, dentro dos municípios, aumenta o grau de competitividade entre eles e, consequentemente, aumenta o grau de incerteza sobre a carreira política do incumbente. Para verificar o desempenho eleitoral dos candidatos e a competitividade das eleições legislativas, o trabalho analisou todos os candidatos a deputado estadual e federal em MG, em 2010. Foram utilizadas análises quantitativas para demonstrar as principais diferenças entre o desempenho de cada um deles.

Palavras-chave: Eleições legislativas. Competitividade eleitoral. Perfis de candidatos. Reeleição. Eleições.

Abstract: *This article explores the competitiveness of brazilian legislative elections. This work confirms the hypothesis that incumbents are electorally stronger*

than other candidates. However, it also shows how high-quality candidates have a better performance than beginning candidates. The weaker performance of beginning candidates, almost 80% of all candidates, is another important point in this analysis. The article stresses that, on the one hand, the competitiveness level is low because of the fact that almost all votes are concentrated in incumbent candidates. On the other hand, the dispute between incumbents and incumbents increase the competitiveness among them, thus raising the uncertainty of the political legislative career. To verify the electoral performance of candidates and the competitiveness of legislative elections, the study used data from the 2010 elections in the state of Minas Gerais.

Keywords: *Legislative elections. Electoral competitiveness. Electoral candidate profile. Incumbency. Elections.*

1 – Introdução

Uma das premissas normativas para a classificação de um sistema político como democrático é a de que o sistema eleitoral para escolha dos representantes deve apresentar padrão aceitável de competição eleitoral, permitindo que diferentes partidos e perfis de candidatos disputem as eleições em igualdade de condições e que os eleitores tenham a possibilidade de escolher entre diferentes opções. A princípio, o sistema eleitoral legislativo brasileiro preenche todos os requisitos. O sistema proporcional de lista aberta brasileiro é considerado um dos mais abertos do mundo, pois apresenta poucas restrições à entrada de candidatos na disputa eleitoral, permitindo que grande número de candidatos e partidos disputem as cadeiras legislativas municipais, estaduais e federais. Com relação aos eleitores, eles podem escolher livremente entre um vasto leque de candidatos e partidos. Ou seja, o sistema cumpre os pré-requisitos normativos.

Apesar de o sistema eleitoral brasileiro ser considerado bastante aberto à disputa eleitoral (Nicolau, 2007), existe um quase consenso, entre os pesquisadores (PEREIRA e RENNO, 2001 e 2007; AMES, 2001; CARVALHO, 2003; SA-

MUELS, 2001; SILVA JÚNIOR, 2013), de que as eleições legislativas são desequilibradas em favor dos candidatos à reeleição. Dessa forma, percebe-se o impasse existente entre o horizonte normativo, o desenho institucional e o cenário real encontrado. Enquanto o horizonte normativo aponta a necessidade de as eleições serem equilibradas entre os concorrentes, o desenho institucional, visando atender aos pressupostos normativos, permite a entrada, na disputa eleitoral, de grande número de candidatos e partidos, garantindo aos eleitores a total liberdade de escolha entre as opções disponíveis. Porém, o cenário encontrado é de desequilíbrio das eleições em favor de determinado perfil: os candidatos à reeleição.

Acredita-se que, até o momento, pouco foi feito no Brasil para compreender o grau de igualdade e desigualdade existente nas disputas eleitorais para a Câmara dos Deputados e para as assembleias legislativas estaduais. O motivo para os poucos avanços nessa linha de pesquisa, possivelmente, dá-se pela dificuldade em definir quais são os principais concorrentes ou desafiantes dos candidatos à reeleição nesses níveis de disputa. Afinal, devido às características do sistema eleitoral adotado para a escolha de representantes legislativos no Brasil – sistema proporcional, com lista aberta, distritos com grande extensão territorial, magnitude acima de 8 cadeiras, possibilidade de coligações partidárias, etc. –, onde, em linhas gerais, todos os candidatos podem disputar o mesmo território (ou base) eleitoral, a definição de qual candidato é o principal concorrente de outro torna-se um pouco mais complexa. O presente trabalho procura suprir essa lacuna.

Para compreender as diferenças entre os candidatos à reeleição e os seus concorrentes, o trabalho adotou a classificação de perfis de candidatos proposta por Jacobson (1989), na qual os candidatos concorrentes ou desafiantes (*challengers*) são classificados em dois grupos distintos: os candidatos desafiantes que ainda não possuem experiência política, ou seja, os candidatos novatos; e os candidatos desafiantes que já possuem alguma experiência política e que, portanto, poderiam apre-

sentar um desempenho eleitoral mais consistente, sendo estes considerados os candidatos de alta qualidade (*high-quality*)[1].

A classificação do perfil dos candidatos é amplamente utilizada por pesquisadores norte-americanos para explicar as diferenças no desempenho eleitoral dos candidatos a deputado nos EUA. Para o presente trabalho, buscou-se adaptar essa classificação à realidade brasileira. Como as eleições legislativas brasileiras têm grande número de candidatos que podem ser votados em diferentes municípios, há natural dificuldade para definir quais são os principais desafiantes dos candidatos à reeleição. A solução proposta foi estudar as diferenças entre os perfis de candidatos de maneira agregada, não se preocupando, com isso, em compreender o desempenho eleitoral individual dos candidatos, mas o desempenho médio de cada um dos três perfis analisados. Dessa forma, os candidatos nas eleições legislativas federal e estadual, no Estado de Minas Gerais, no ano de 2010, foram classificados em três perfis: os novatos, ou seja, os candidatos que nunca haviam exercido cargo eletivo; os candidatos de alta qualidade, isto é, os que disputavam as eleições para deputado e já haviam exercido ou ainda exerciam algum cargo político; e os candidatos à reeleição, aqueles que estavam concorrendo novamente para o mesmo cargo ora ocupado por eles.

Assim, o objetivo deste artigo é avançar no entendimento das condições de igualdade e desigualdade na disputa eleitoral legislativa, tendo como ponto de partida o dimensionamento do desempenho eleitoral dos candidatos à reeleição e dos seus concorrentes. Para isso, procura-se responder às seguintes perguntas: 1) Como se dá a competição eleitoral legislativa entre os candidatos à reeleição, os de alta qualidade e os novatos? 2) Qual é a força relativa de cada perfil de candidato? Serão testadas três hipóteses centrais. A primeira hipótese é que os candidatos à reeleição são o grupo mais forte e possuem signifi-

1 Para este trabalho optou-se por usar a tradução literal do termo em inglês high-quality (alta qualidade). Acredita-se que, apesar das possíveis distorções que a tradução possa apresentar, esse é o termo que melhor representa a ideia de um conjunto de candidatos com características capazes de aumentar o seu desempenho eleitoral.

cativa predominância eleitoral sobre os outros concorrentes. A segunda hipótese é que os candidatos que já exerceram cargos eleitorais (candidatos de alta qualidade) possuem vantagens relativas sobre os novatos, sendo eles o grupo capaz de ameaçar a dominância dos candidatos à reeleição. A terceira hipótese é que o desempenho dos candidatos novatos é relativamente frágil, apesar do tamanho do seu grupo.

O trabalho busca enriquecer a discussão sobre a força dos candidatos à reeleição e a de seus concorrentes, a partir das perspectivas apontadas pelo sistema eleitoral brasileiro. Acredita-se que essa discussão possa apontar caminhos para aprofundar reflexões sobre o grau de competitividade das eleições legislativas brasileiras e, com isso, proporcionar novos elementos para o debate sobre reforma política existente no País.

São poucos os estudos brasileiros que têm concentrado esforços em compreender (e dimensionar) a força desses candidatos e, em sua grande maioria, tais pesquisas apresentam resultados referentes apenas às eleições para deputado federal (PEREIRA e RENNO, 2001 e 2007; AMES, 2001; CARVALHO, 2003; SILVA JÚNIOR, 2013). Outra carência é que esses estudos têm se concentrado apenas no desempenho dos candidatos à reeleição, sendo os concorrentes raramente incluídos nelas. Dessa maneira, este trabalho busca preencher duas lacunas: acrescentar aos estudos sobre a força dos candidatos à reeleição análises contemplando não somente as eleições federais, mas, também, as eleições estaduais; e, ainda, considerar, na pesquisa, todos os candidatos que disputaram as eleições legislativas, permitindo a comparação entre o desempenho de todos os candidatos.

O ponto de partida para este artigo é o entendimento de que o sistema não pode ser medido apenas pelos indicadores de vitória ou derrota nas eleições. No complexo sistema brasileiro, que apresenta grande número de candidatos, partidos e coligações, um candidato, para ser eleito, muitas vezes não depende apenas do seu desempenho eleitoral, mas de algumas condições estratégicas e conjunturais impostas pelas alianças partidárias no momento da construção das coligações eleitorais. Face a tais

condições, este trabalho propõe avaliar o desempenho eleitoral dos perfis de candidatos em ambos os aspectos, no sucesso ou insucesso nas urnas e no volume de votos obtidos pelos perfis. Outro ponto importante a ser destacado é que a competitividade nas eleições pode ser mensurada de inúmeras maneiras, como desempenho dos partidos, tempo de televisão dos partidos, configuração das coligações, biografia dos candidatos, condição de oposição ou situação em relação ao governo, etc. O presente trabalho concentra-se na análise da competitividade das eleições a partir de um único ponto de vista: as diferenças apresentadas entre os candidatos à reeleição, os de alta qualidade e os novatos.

O artigo é divido em cinco partes. A primeira parte apresenta uma revisão teórica sobre a força dos candidatos à reeleição. A segunda mostra o desempenho dos candidatos à reeleição nas eleições para deputado federal e estadual, em Minas Gerais, nas cinco últimas disputas eleitorais. A terceira explica como foi realizada a classificação dos candidatos. A quarta parte analisa a diferença entre o desempenho dos candidatos. A última parte discute a relevância dos resultados encontrados.

2 – A força eleitoral dos candidatos à reeleição

Os estudos legislativos norte-americanos possuem longa tradição na compreensão da força eleitoral apresentada pelos candidatos à reeleição. Clássicos como *The electoral connection*, David Mayhew (1974); *Congress: keystone of the Washington Establishment*, Morris Fiorina (1977); *Home style: house members in their districts*, Richard Fenno (1978); *The politics of congressional elections*, Gary Jacobson (1989), foram capazes de dimensionar a força desses candidatos e os motivos pelos quais conseguem enorme vantagem eleitoral sobre os seus concorrentes.

Um dos trabalhos mais importantes e que, de certa forma, tornou-se um marco nos estudos sobre a força dos candidatos norte-americanos à reeleição foi a obra *Congress – The electoral connection*, de David Mayhew (1974). Nesse estudo, Mayhew

demonstrou como a atividade parlamentar está diretamente voltada à atividade eleitoral. Em sua visão, o primeiro objetivo dos parlamentares seria obter a reeleição, e, para atingir esse objetivo, eles utilizariam inúmeros recursos institucionais das casas legislativas, de maneira que aumentassem o vínculo com seus eleitores.

Segundo Mayhew (1974), os congressistas norte-americanos encontram, na estrutura do Congresso, lugar ideal para praticarem suas atividades eleitorais. Os inúmeros benefícios (*perks*) disponibilizados aos congressistas permitem que eles construam estrutura bastante favorável aos seus objetivos eleitorais. Os principais benefícios seriam: contratação de assessores, verba para manutenção de escritórios de atendimento em seus distritos, verba e estrutura técnica para elaboração e divulgação de materiais publicitários, etc. Haveria também os benefícios indiretos, como a obtenção de prestígio e facilidade para conseguir apoios persuasivos e recursos financeiros.

O trabalho de Fiorina (1977), "*Congress – keystone of the Washington Establishment*", parte das mesmas premissas de Mayhew (1974), identificando que o objetivo principal dos congressistas é obter a reeleição. Porém, diferentemente de Mayhew, para quem a força dos candidatos estaria no poder de comunicação com o eleitorado, Fiorina busca demonstrar que a força dos candidatos à reeleição estaria no que ele denomina de *constituency service* (prestação de serviços ao eleitorado). Em linhas gerais, esse *constituency service* seria o acompanhamento e o auxílio no atendimento das demandas individuais (ou de pequenos grupos), dentro do Congresso ou na burocracia estatal. Segundo ele, essa seria a grande força e a estratégia dos candidatos à reeleição, pois, durante o mandato, eles podem estreitar os laços com o eleitorado de seus distritos por meio da constante prestação de serviços.

Richard Fenno (1978) buscou aprofundar a compreensão de como os congressistas relacionavam-se com os eleitores em seus distritos. Segundo ele, a força dos candidatos à reeleição estaria no contato direto com os eleitores e não no dia a dia do

Congresso. O seu foco analítico esteve voltado para a captação e a descrição da maneira como o representante lidava com o seu eleitorado. Segundo ele, cada deputado possuiria um estilo próprio (*home style*) para lidar com o seu eleitor: o modo de vestir, o modo de falar, os termos usados – tudo é calculado para que o congressista demonstre maior proximidade com o eleitorado e para que este perceba que o deputado é o responsável por defender os interesses pessoais de cada um no Congresso e nos assuntos relacionados ao Estado.

Outro trabalho que concentrou esforços em compreender a força dos candidatos à reeleição norte-americanos foi a obra "*The politics of congressional elections*", de Jacobson (1989). Nesse livro, Jacobson parte do pressuposto de que a maneira como o congressista desenvolve as suas estratégias eleitorais influencia o modo como ele age no Congresso. Sendo assim, compreender as eleições congressuais e as estratégias utilizadas pelos candidatos torna-se tarefa primordial para a compreensão do funcionamento do Congresso norte-americano.

Para Jacobson (1989), as eleições congressuais apresentam diferentes fatores que podem influenciar a estratégia utilizada pelo candidato; dessa forma, para compreender o cenário eleitoral, é necessário entender a importância de cada um deles. De acordo com o autor, os fatores seriam: o contexto eleitoral, o perfil dos candidatos, o poder de campanha dos candidatos, o comportamento dos eleitores e as condições políticas nacionais. Cada um desses itens, de certa forma, interferiria nas estratégias adotadas pelos candidatos para conseguir uma cadeira no Congresso nacional. Jacobson (1989) demonstra, por meio de um conjunto de dados, como cada um desses fatores tem influenciado as eleições congressuais norte-americanas, e como os candidatos utilizam as informações para moldar as suas estratégias eleitorais.

Marcante no estudo de Jacobson é a sua tentativa de apresentar as análises de maneira comparativa entre os candidatos à reeleição e os desafiantes. Segundo Jacobson (1989), um dos principais fatores capazes de influenciar o resultado, positivo

ou negativo, na reeleição de um candidato, seria a ausência ou presença de um desafiante de "alta qualidade" (*high-quality*). Um candidato de alta qualidade seria um desafiante com experiência política que o tornaria mais competitivo que os candidatos novatos. Para ele, tais candidatos teriam mais condições de estruturar campanhas com mais recursos financeiros e apoios persuasivos. Nas disputas eleitorais, a ausência de um desafiante de alta qualidade tornaria mais fácil o caminho de um candidato à reeleição.

Com o passar dos anos, outros autores (COX e JONATHAN, 1996; CAREY, et.al, 2000; CARSON and CRESPIN, 2004; ABRAMOWITZ, 2006; CARSON *et. al.*, 2007) seguiram os estudos clássicos e buscaram reforçar as posições iniciais, apresentando novas metodologias e técnicas que comprovassem a força dos candidatos à reeleição. Além disso, os estudos mais recentes visaram também entender em quais situações os candidatos à reeleição poderiam apresentar fragilidades, aumentando, assim, as possibilidades de vitória dos candidatos concorrentes. Vale destacar que os estudos norte-americanos já têm como premissa que as eleições legislativas naquele país são desequilibradas em favor dos incumbentes. Sendo assim, os estudos se concentram em identificar razões para essa predominância e possíveis situações onde eles poderiam apontar fragilidades eleitorais.

Até o momento, a compreensão da força eleitoral dos candidatos à reeleição no âmbito das eleições legislativas, bem como as diferenças entre esses candidatos e os seus concorrentes, têm sido pouco exploradas na ciência política brasileira. No País, são poucos os estudos que lidam, diretamente, com essa temática (AMES, 2001; CARVALHO, 2003; SAMUELS, 2001; PEREIRA e RENNO, 2001 e 2006; SILVA JÚNIOR, 2013). Em sua grande maioria, apesar de apresentarem algumas posições sobre o comportamento dos candidatos, não são capazes de dimensionar as diferenças existentes entre os candidatos à reeleição e os seus concorrentes.

Entre os trabalhos brasileiros, os que mais se aproximam da demonstração de força dos candidatos à reeleição são os de Pereira e Renno (2001 e 2006), Silva Júnior (2013) e Samuels (2001).

Pereira e Renno (2001 e 2006), apesar de testarem por meio de uma série de variáveis, de caráter nacional e local, quais fatores poderiam influenciar nas chances de vitória dos candidatos à reeleição, limitam-se a apresentar resultados referentes ao desempenho dos candidatos à reeleição, não mostrando quais seriam as diferenças entre eles e os candidatos concorrentes. Silva Júnior (2013), em sua tese de doutorado, traz uma nova perspectiva para os estudos sobre os candidatos à reeleição, ao mostrar as diferenças entre os candidatos à primeira reeleição e os candidatos mais experientes e como a presença de um maior número de candidatos à reeleição dentro da mesma coligação reduz a força deles. O trabalho de Samuels (2001) oferece elementos que levam a entender as diferenças entre os candidatos à reeleição e os seus concorrentes nas eleições legislativas brasileiras, pois é dos poucos estudos que apontam resultados para ambos os perfis de candidatos: os candidatos à reeleição e os seus concorrentes. Contudo, Samuels (2001) concentra esforços apenas na compreensão dos recursos financeiros arrecadados pelos candidatos; outras questões referentes ao desempenho eleitoral dos candidatos não são exploradas pelo autor.

É fato que, no sistema eleitoral brasileiro, os candidatos à reeleição perdem muito mais eleições do que os candidatos à reeleição norte-americanos. Mesmo assim, existe grande diferença entre a força eleitoral apresentada pelos candidatos à reeleição e pelos outros candidatos. Assim, este artigo busca, a partir de um novo olhar, dimensionar o tamanho da diferença entre o desempenho eleitoral dos candidatos e, a partir disso, debater o grau de competitividade das eleições legislativas.

3 – Cenário da reeleição nas eleições legislativas em Minas Gerais

A primeira tarefa é verificar, ao longo dos anos, quais são os percentuais de vitória dos candidatos que tentam a reeleição na Câmara dos Deputados e na Assembleia Legislativa de Mi-

nas. É importante ressaltar ser comum, no Brasil, deputados se candidatarem ao cargo de prefeito e, se eleitos, renunciarem ao mandato de deputado, deixando-o para o suplente. Esse fato é recorrente e se dá em face de o calendário eleitoral brasileiro apresentar dois períodos distintos: um para eleição de presidente, governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais; e outro, dois anos depois, para a eleição de prefeitos e vereadores. Outro fato presente no sistema eleitoral é a opção dos deputados, ao final do mandato, de concorrer a outros cargos, como senador, governador ou deputado em outro nível (deputados estaduais que concorrem para deputado federal e vice-versa). Essas situações podem influenciar o número de candidatos que concorrem à reeleição.

Em média, os candidatos que tentaram a reeleição, no período analisado (as cinco últimas eleições), obtiveram sucesso em 71% dos casos nas eleições federais e 69% nas eleições estaduais[2]. Em face do número de concorrentes e das características do sistema eleitoral brasileiro, esses percentuais de sucesso são bem inferiores aos atingidos pelos candidatos norte-americanos (acima de 90%). Ainda assim, a vantagem de ser candidato à reeleição é tão expressiva que, em praticamente 70% das vezes, os candidatos que tentam a reeleição obtêm vitória nas urnas (tabela 1 e tabela 2).

2 Os dois mais baixos desempenhos dos candidatos à reeleição chamam a atenção nessas tabelas: nas eleições para a Câmara dos Deputados, na 52ª Legislatura, o percentual de sucesso ficou em apenas 63% (foi durante essa legislatura que aconteceu o escândalo conhecido como "Mensalão", em que o Poder Executivo foi acusado de comprar a participação de partidos e deputados em importantes votações no Congresso). Em relação aos deputados estaduais, chama a atenção o baixo desempenho na 14ª Legislatura, na qual o percentual de sucesso ficou apenas em 57% (foi durante essa legislatura que foi deflagrado o chamado "escândalo dos altos salários" na ALMG).

Tabela 1 – Percentual de sucesso, por legislatura, dos candidatos que tentaram a reeleição, em Minas Gerais, para a Câmara dos Deputados, nas últimas cinco eleições

Deputados federais						
	49ª Legislatura (1991-1995)	50ª Legislatura (1995-1999)	51ª Legislatura (1999-2003)	52ª Legislatura (2003-2007)	53ª Legislatura (2007-2011)	
Tentaram a reeleição*	42	46	40	43	45	
Eleitos	30	32	33	27	34	Média geral do sucesso
% Sucesso	71%	70%	83%	63%	76%	71%

Fonte: Os dados foram compilados a partir de informações acessadas nos *sites* do Laboratório de Estudos Experimentais (Leex) – Iuperj e da Câmara dos Deputados, em dezembro de 2011

***** Os dados desta tabela devem ser lidos da seguinte maneira: os deputados presentes em determinada legislatura tentam a reeleição para a próxima. Por exemplo: entre os deputados da 49ª Legislatura, 42 tentaram a reeleição e 30 foram eleitos para a 50ª Legislatura.

Tabela 2 – Percentual de sucesso, por legislatura, dos candidatos que tentaram a reeleição em Minas Gerais para a ALMG, nas últimas cinco eleições

Deputados estaduais						
	12ª Legislatura (1991-1995)	13ª Legislatura (1995-1999)	14ª Legislatura (1999-2003)	15ª Legislatura (2003-2007)	16ª Legislatura (2007-2011)	
Tentaram a reeleição*	66	59	70	51	65	
Eleitos	42	43	40	40	50	Média geral do sucesso
% Sucesso	64%	73%	57%	78%	74%	69%

Fonte: Os dados foram compilados a partir de informações acessadas nos *sites* do Laboratório de Estudos Experimentais (Leex) – Iuperj e da ALMG, em dezembro de 2011

***** Os dados desta tabela devem ser lidos da seguinte maneira: os deputados presentes em determinada legislatura tentam a reeleição para a próxima. Por exemplo: entre os deputados da 12ª Legislatura, 66 tentaram a reeleição e 42 foram eleitos para a 13ª Legislatura.

4 – Perfil dos candidatos: novatos, alta qualidade e reeleição

Tendo em vista o histórico de sucesso eleitoral dos candidatos à reeleição, é preciso mostrar quem foram os candidatos no pleito de 2010 e como foi feita a classificação do perfil de candidatos. Como já foi apontado, o trabalho seguirá o modelo de classificação proposto por Jacobson (1989). Acredita-se que a categorização dos candidatos entre os três perfis (novato, alta qualidade e reeleição) pode tornar a compreensão das eleições legislativas brasileiras mais nítida e rica em nuances. A seguir, demonstra-se a quantidade e o percentual de candidatos categorizados em cada perfil e quais foram os critérios utilizados para a sua classificação (tabela 3).

Candidatos novatos

A categoria de candidatos novatos é a maior de todas. Consideram-se como novatos todos aqueles que disputaram as eleições não sendo titulares de mandatos de deputado e, também, não apresentando as características necessárias para serem classificados como de alta qualidade. Sendo assim, os novatos são 413 (79%) no grupo de candidatos a deputado federal, e 731 (78%) no grupo de concorrentes a deputado estadual (tabela 3).

Candidatos de alta qualidade

A classificação de alta qualidade poderia ser desenvolvida a partir de muitos critérios: número de eleições disputadas, cargos eleitorais conquistados, cargos executivos ocupados, capacidade de arrecadação financeira, grupo (ou elite) político ao qual pertence, e assim por diante. Para o caso deste estudo, considera-se candidato de alta qualidade aquele que, nas quatro últimas eleições, teve alguma experiência política. Essa categoria busca diferenciar, no universo de candidatos, aqueles que apresentam desempenho eleitoral superior devido à experiência prévia. Sendo assim, considerou-se como de alta qualidade o candidato

que já havia sido prefeito, vereador, deputado estadual ou deputado federal (e não estava concorrendo à reeleição), em algum momento no período de 1996 até 2010 (um total de sete pleitos, dos quais quatro são nacionais – presidente, governador, senador, deputado federal, deputado estadual – e quatro municipais – prefeito e vereador). Classificaram-se também como de alta qualidade os candidatos que já haviam sido governadores ou senadores; para eles, não foi imposto período de referência para o exercício do mandato.

Indivíduos que ocuparam cargos relevantes no governo estadual foram considerados, também, candidatos de alta qualidade. Essa classificação segue a indicação de parte da literatura, ao apontar que os candidatos que ocuparam algum desses cargos poderiam beneficiar-se dele para obter vantagens eleitorais (AMES, 1999).[3]Porém, com relação a essa classificação, houve algumas dificuldades: não foi possível conseguir a lista de todos os integrantes dos ministérios federais e secretarias estaduais ao longo das últimas eleições (1996-2010). Sendo assim, foram classificados como de alta qualidade apenas os candidatos que exerceram o cargo de secretário de Estado entre os anos de 2003 e 2010, já que esses eram os únicos dados disponíveis.

Deve-se fazer uma ressalva em relação aos candidatos que já haviam sido vereadores. Em face do grande número de municípios mineiros (853), não foi possível verificar todos. Dessa forma, optou-se por trabalhar apenas com os municípios acima de 50.000 eleitores, um total de 51 municípios. Acredita-se que esse recorte não prejudique as análises, pois dificilmente a base eleitoral de um vereador em município abaixo desse limite teria relevância significativa para o candidato ser considerado como

3 Seria relevante acrescentar à categoria "candidatos de alta qualidade" aqueles que exerceram cargos de segundo escalão na burocracia estatal e, também, candidatos que foram secretários de governo em prefeituras de grandes cidades, pois esses candidatos também poderiam utilizar-se do cargo para se promoverem e alcançarem melhores retornos eleitorais. Mas esses não são dados que estão disponíveis nos *sites* do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados.

de alta qualidade.[4] Dessa maneira, de acordo com os parâmetros propostos, nas eleições para a Câmara dos Deputados, 65 (12%) dos candidatos foram classificados como de alta qualidade, enquanto, nas eleições para a ALMG, esse número foi de 142 (15%) (tabela 3).

Candidatos à reeleição

Foram considerados candidatos à reeleição aqueles que, ao final da legislatura de 2007-2011, estavam exercendo o mandato de deputado federal ou estadual e, nas eleições de 2010, optaram por disputar novamente as eleições para o mesmo cargo. Como o objetivo é encontrar diferenças entre os candidatos que exerceram o mandato legislativo e os que não o exerceram, foram necessárias algumas correções na classificação. Durante o período legislativo de quatro anos, alguns deputados podem exercer o mandato por menor tempo, uma vez que podem ser convidados para assumir algum cargo na burocracia estadual ou federal ou vencer eleições municipais e, assim, licenciarem-se ou abandonarem o seu mandato, fazendo com que os seus suplentes o assumam. Optou-se por considerar como candidatos à reeleição aqueles que exerciam o mandato durante o período eleitoral, pois, em geral, são eles que exerceram o mandato por mais tempo. Como algumas vezes as classificações podem não refletir a realidade dos fatos, verificou-se, caso a caso, o histórico dos deputados, buscando a existência de alguma disparidade. Assim, nas eleições de 2010, 45 (9%) candidatos tentaram a reeleição para deputado federal e 65 (7%) para deputado estadual (tabela 3). Esse será o universo de candidatos à reeleição.

4 Um ponto relevante para delimitar a classificação de vereadores em cidades com até 50.000 mil eleitores foi o surgimento de candidatos com baixa quantidade de votos na análise (menos de mil votos). Se continuássemos a classificação para cidades com eleitorado menor, isso ocorreria com frequência muita alta e poderia prejudicar o conceito que queríamos desenvolver sobre os candidatos de alta qualidade.

Tabela 3 – Classificação do perfil dos candidatos nas eleições para deputado federal e estadual, em Minas Gerais, no ano de 2010

	Federal		Estadual	
	Casos	%	Casos	%
Novato	413	79%	731	78%
Alta qualidade	65	12%	142	15%
Reeleição	45	9%	65	7%
Total	**523**	**100%**	**938**	**100%**

Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

Construção dos bancos de dados

A classificação dos candidatos a deputado federal e estadual, em Minas Gerais, em três categorias (novato, alta qualidade e reeleição), denominada "perfil dos candidatos", será a principal variável deste artigo. Nas sessões seguintes, será verificado como esses perfis de candidatos possuem desempenho eleitoral diferenciado entre si. Todos os dados utilizados são oriundos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), e estavam disponíveis *on-line* nos *sites* dos órgãos entre os meses de dezembro de 2011 e fevereiro de 2012.

A força eleitoral de cada perfil

O primeiro passo foi verificar qual o total de votos nominais obtidos pelo conjunto de candidatos novatos, de alta qualidade e reeleição. No total de votos nominais de cada perfil de candidato, os que estavam concorrendo à reeleição como deputado federal obtiveram 50,64% de todos os votos nominais da eleição (4.819.251 votos). Nas eleições para deputado estadual, os candidatos à reeleição obtiveram 45,05% do total de votos (4.129.027 votos). De uma forma direta, esse é um primeiro

indicador da força dos candidatos à reeleição nas eleições legislativas brasileiras. Em um universo de 523 candidatos a deputado federal, os candidatos à reeleição, que eram apenas 45, ou seja, 9% do conjunto de candidatos, obtiveram metade do total de votos (50,64%). Com relação aos deputados estaduais, os candidatos à reeleição, que eram 65 (7% dos 938 candidatos), obtiveram 45,05% do conjunto de votos da eleição (tabela 4). Tais dados confirmam a primeira hipótese: os candidatos à reeleição têm desempenho bastante superior ao dos outros candidatos.

Tabela 4 – Total de votos nominais obtidos por perfil de candidato nas eleições legislativas para deputado federal e estadual em Minas Gerais, em 2010

Federal		Novatos	Alta qualidade	Reeleição	Geral
	Votos nominais	1.979.363	2.717.170	4.819.251	9.515.784
	% dos votos	20,80%	28,55%	50,64%	100,00%
	Nº de candidatos por perfil	413	65	45	523

Estadual		Novatos	Alta qualidade	Reeleição	Geral
	Votos nominais	2.392.575	2.644.826	4.129.027	9.166.428
	% dos votos	26,10%	28,85%	45,05%	100,00%
	Nº de candidatos por perfil	731	142	65	938

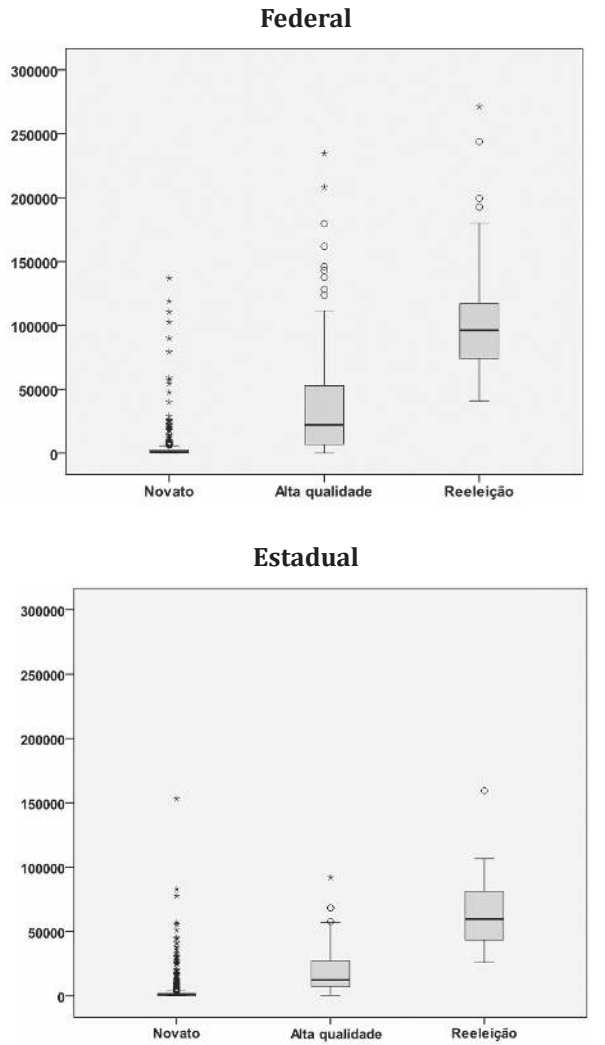
Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

Alguns dados descritivos sobre a votação nominal obtida por cada perfil analisado permitem explicitar melhor a diferença entre os candidatos[5]. Enquanto os candidatos à reeleição atingiram uma mediana de 96.309 votos na eleição federal e de 59.739 votos na eleição estadual, a mediana dos candidatos de alta qualidade ficou em 22.201 votos nas eleições para deputado federal e em 12.327 na eleição para deputado estadual. Os candidatos novatos obtiveram, na eleição para deputado federal, mediana de 1.614 votos e, na eleição para deputado estadual, de 1.087 votos (figura 1). Esses dados vão na direção da segunda hipótese: os candidatos que já possuem bases eleitorais consolidadas, chamados nessa pesquisa de candidatos de alta qualidade, apresentam desempenho superior aos novatos.

Vale destacar que a alta mediana dos candidatos à reeleição demonstra que todos os candidatos do grupo são competitivos, o que também pode ser visto pela votação mínima e máxima do grupo (figura 1), que comprova, ainda, a grande diferença entre a votação alcançada pelos candidatos à reeleição e a votação obtida pelos seus concorrentes. O mesmo não acontece com os outros dois perfis. Ainda assim, é importante notar como o desempenho dos candidatos de alta qualidade foi superior ao dos candidatos novatos, fato que demonstra que a classificação de perfis possui validade analítica. Os dados deixam evidente que os candidatos de alta qualidade podem ser considerados uma categoria intermediária entre os novatos e os candidatos à reeleição, exatamente como apresentado na segunda hipótese do trabalho.

5 Em face da alta dispersão dos votos em cada perfil, que pode ser notada pelos altos desvios-padrão apresentados, é recomendável atentar mais para a mediana do que para a média dos resultados. A mediana é o ponto médio da distribuição: metade dos votos obtidos pelo perfil estão abaixo da mediana e metade estão acima. Para melhor compreensão das diferenças entre as medianas, optou-se por apresentar os resultados a partir de gráficos de *boxplot*.

Figura 1 – *Boxplot* sobre a votação nominal dos perfis de candidatos nas eleições legislativas para deputado federal e estadual em MG, em 2010



Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

O conjunto de votos obtidos pelos perfis de candidatos, apesar de útil para apresentar o desempenho eleitoral, não é suficiente para demonstrar o resultado final das eleições, pois esse resultado depende do número de cadeiras que o partido ou a coligação terá a partir do quociente eleitoral. Sendo assim, é necessário verificar também o número de vitórias eleitorais de cada perfil nas eleições. Com isso, nas eleições federais, foram eleitos 1,45% dos candidatos novatos, 20% dos candidatos de alta qualidade e 75,56% dos candidatos à reeleição. Nas eleições estaduais, obtiveram vitória nas urnas 1,37% dos novatos, 11,97% dos candidatos de alta qualidade e 76,92% dos candidatos à reeleição (tabela 5).

Na análise do percentual de vitórias de cada perfil, os candidatos à reeleição mostram-se novamente muito mais competitivos, com percentuais de eleição acima de 75%, em ambos os pleitos. Por outro lado, 20% dos candidatos de alta qualidade são bem sucedidos na eleição para deputado federal e 12% na eleição para deputado estadual (Tabela 5). O mais importante dessa análise é o baixo desempenho dos candidatos novatos. Mesmo sendo esse o grupo que contempla a grande maioria dos candidatos, cerca de 80% de todos os concorrentes (tanto na eleição federal quanto na estadual), os percentuais de vitórias do grupo são extremamente baixos, apenas 1,45% (6 candidatos) dos candidatos foram eleitos na eleição para deputado federal e apenas 1,37% (10 candidatos) na eleição estadual (tabela 5). Portanto, os resultados apresentados aqui estão de acordo com a terceira hipótese: a de que o desempenho dos candidatos novatos é baixo, sendo eles o perfil com pior desempenho eleitoral relativo.

Tabela 5 – Percentual de candidatos eleitos, por perfil, nas eleições legislativas para deputado federal e estadual, em Minas Gerais, em 2010

			Eleito	Não eleito	Total
Federal	Novato	Casos	6	407	413
		%	1,45%	98,55%	100,00%
	Alta qualidade	Casos	13	52	65
		%	20,00%	80,00%	100,00%
	Reeleição	Casos	34	11	45
		%	75,56%	24,44%	100,00%
	Total	Casos	53	470	523
		%	10,13%	89,87%	100,00%

			Eleito	Não eleito	Total
Estadual	Novato	Casos	10	721	731
		%	1,37%	98,63%	100,00%
	Alta qualidade	Casos	17	125	142
		%	11,97%	88,03%	100,00%
	Reeleição	Casos	50	15	65
		%	76,92%	23,08%	100,00%
	Total	Casos	77	861	938
		%	8,21%	91,79%	100,00%

Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

A fragilidade dos candidatos novatos é, mais uma vez, reforçada quando se analisa individualmente as características dos eleitos pelo grupo (quadro 1). Nota-se que eles são grandes empresários, grandes agricultores, parentes ou assessores de políticos famosos e celebridades religiosas ou esportivas. Ou seja, apesar de, na categoria proposta por este artigo, eles serem considerados como novatos, os eleitos possuem outros atributos que os diferenciam dentro do próprio grupo, o que os torna candidatos mais competitivos do que o padrão médio do grupo. Assim, o desempenho eleitoral dos "novatos" é

bastante diferente dos demais candidatos de seu grupo, aproximando-se do desempenho dos candidatos à reeleição e de alta qualidade.

Quadro 1 – Perfil biográfico dos candidatos novatos que foram eleitos para a Câmara Federal e a ALMG, em 2010

Eleição	Candidato	Partido	Profissão	Perfil biográfico
Federal	RENZO BRAZ	PP	Administrador de empresas	Diretor administrativo-financeiro da Rodoviário Líder Ltda
Federal	BERNARDO SANTANA	PR	Advogado e produtor rural	Presidente da Associação Mineira de Silvicultura
Federal	GABRIEL GUIMARÃES	PT	Advogado	Filho do ex-deputado federal Virgílio Guimarães
Federal	DIEGO ANDRADE	PR	Administrador de empresas	Diretor da Copasa e sobrinho do senador Clésio Andrade
Federal	ZÉ SILVA	PDT	Agricultor, agrônomo e extensionista rural	Presidente da Emater
Federal	DR. GRILO	PSL	Advogado	Advogado da Igreja Internacional da Graça
Estadual	HÉLIO GOMES	PSL	Empresário	Proprietário do Grupo Hélio Gomes – o grupo é formado por uma rede de postos de combustíveis localizados na Bahia e em MG
Estadual	GUSTAVO PERRELLA	PDT	Empresário e administrador de empresas	Filho do senador Zezé Perrella (ex-presidente do Cruzeiro Esporte Clube, deputado federal e deputado estadual)

Eleição	Candidato	Partido	Profissão	Perfil biográfico
Estadual	FÁBIO CHEREM	PSL	Engenheiro civil	Fundador e proprietário da construtora Cherem Ltda, que atua em diversos estados, sobretudo em Minas Gerais
Estadual	CELINHO DO SINTTROCEL	PCdoB	Escriturário	Presidente licenciado do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários de Coronel Fabriciano (Sinttrocel), ficou como primeiro suplente do PDT para a legislatura anterior (16ª)
Estadual	LUIZ HENRIQUE	PSDB	Cirurgião-dentista	Marido da deputada estadual Elbe Brandão, assessor da Secretaria Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri, São Mateus e Norte de Minas
Estadual	NEILANDO PIMENTA	PHS	Advogado	Fundador da Unipac de Teófilo Otoni, secretário municipal de Ação Social da Prefeitura de Teófilo Otoni
Estadual	CÁSSIO SOARES	PRTB	Economista	Subsecretário deEstado da Defesa Social na área de inovação e logística
Estadual	TADEUZINHO	PMDB	Estudante de Direito	Filho do prefeito de Montes Claros Luiz Tadeu Leite (deputado federal e deputado estadual)
Estadual	ULYSSES GOMES	PT	Gestor e administrador público	Presidente do PT de Itajubá, chefe de gabinete do deputado federal Odair Cunha, vereador em Itajubá (assumiu como suplente, por isso não foi considerado como de alta qualidade)
Estadual	MARQUES	PTB	Jogador profissional de futebol	Jogador profissional do Clube Atlético Mineiro

Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

A dinâmica das disputas dentro dos municípios

Até o momento, mostrou-se o desempenho eleitoral dos perfis de candidatos em relação ao conjunto de votos obtidos em todo o Estado e ao número de candidatos eleitos e não eleitos em cada perfil. O que ainda não foi mostrado é como se dá a distribuição da força dos perfis de candidatos nos municípios mineiros e qual é a dinâmica por trás da disputa, ou seja, como os perfis se enfrentaram em cada município.

Para operacionalizar essa análise, os dados são trabalhados de modo a identificar qual perfil de candidato aparece entre os três mais votados, em cada município. Assim, pode-se verificar em quantos municípios os candidatos de cada perfil foram mais votados e quais foram os perfis que mais ameaçaram a dominância do candidato mais votado. É importante destacar que o uso dessa análise é ilustrativo e apenas aponta indicativos sobre as disputas ocorridas dentro dos municípios. Afinal, a dinâmica das eleições representativas brasileiras não considera os municípios como distritos eleitorais, mas, sim, o estado como um todo. Portanto, os candidatos podem ser votados em todos os municípios dos estados.

Os candidatos à reeleição foram os mais votados em 72,8% dos 853 municípios mineiros, no pleito para deputado federal, e em 73,74% dos municípios, nas eleições para a legislatura estadual. À medida que descemos as posições, o número de candidatos à reeleição diminui, mas continua apresentando forte presença entre as três primeiras posições. Isso mostra que os candidatos à reeleição estão, na maioria dos municípios, entre os mais votados. Mais uma vez, os candidatos de alta qualidade mostram-se superiores aos novatos: eles foram os mais votados em 17,94% dos municípios na eleição federal e em 14,65% na eleição estadual (tabela 6).

Tabela 6 – Perfil dos candidatos mais votados nos municípios, nas eleições para deputado federal e estadual, em MG, em 2010 (até a 3ª posição)

Federal					
Posição		Novato	Alta qualidade	Reeleição	Total
1	Casos	79	153	621	853
	%	9,26%	17,94%	72,80%	100,00%
2	Casos	136	198	519	853
	%	15,94%	23,21%	60,84%	100,00%
3	Casos	177	213	463	853
	%	20,75%	24,97%	54,28%	100,00%

Estadual					
Posição		Novato	Alta qualidade	Reeleição	Total
1	Casos	99	125	629	853
	%	11,61%	14,65%	73,74%	100,00%
2	Casos	185	159	509	853
	%	21,69%	18,64%	59,67%	100,00%
3	Casos	232	207	414	853
	%	27,20%	24,27%	48,53%	100,00%

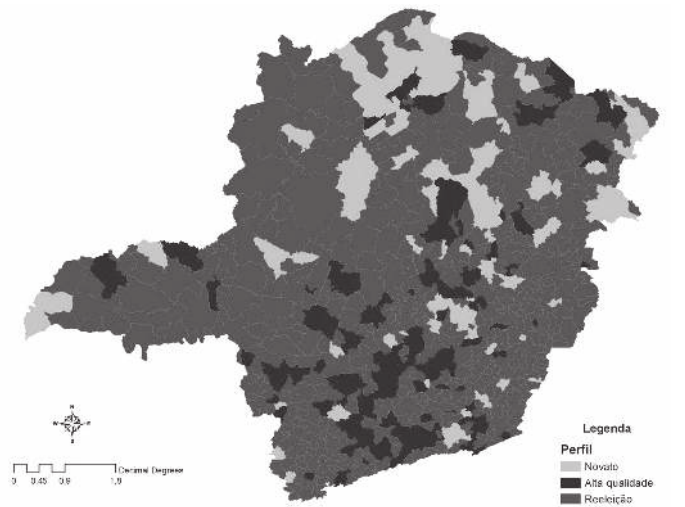
Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

A análise por mapas permite melhor visualização da distribuição territorial da força relativa de cada perfil (figuras 2 e 3). Os mapas também apresentam alguns possíveis padrões regionais, como uma melhora no desempenho dos candidatos de alta qualidade na região Sul do Estado[6], tanto na eleição para deputado estadual quanto para federal. Pode-se notar também um provável melhor

6 A região Sul do Estado de Minas Gerais é considerada uma região mais rica e com maiores índices de desenvolvimento humano.

desempenho dos candidatos novatos, na eleição para deputado federal, na região Norte do Estado[7]. Para melhor compreensão de possíveis padrões geográficos no desempenho dos perfis de candidatos, seriam necessárias outras análises que fogem do escopo deste artigo. Para o momento, os mapas visam a demonstrar como os candidatos à reeleição possuem forte predominância regional, mesmo sendo o perfil com menor número de candidatos. Isso significa que os poucos candidatos à reeleição conseguem apresentar-se como os principais concorrentes em praticamente toda a dimensão territorial do Estado (figuras 2 e 3).

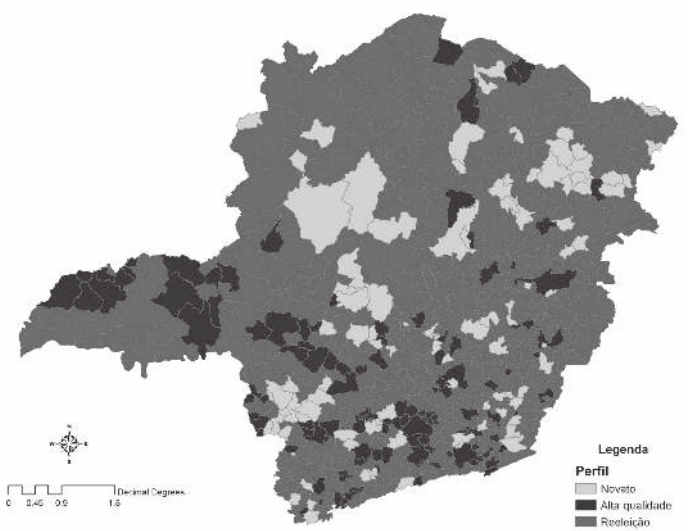
Figura 2 – Perfil do candidato mais votado em cada município, nas eleições para deputado federal, em MG, em 2010



Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

7 A região Norte do Estado de Minas Gerais é considerada uma região mais pobre e com menores índices de desenvolvimento humano. Acredita-se que existam hipóteses explicativas sobre a força de determinado perfil em diferentes regiões, tendo, como ponto de partida, o grau de desenvolvimento e o tamanho dos municípios como variáveis explicativas para o sucesso eleitoral dos perfis – mas tal discussão extrapola a capacidade deste artigo ficando, então, para possíveis estudos futuros.

Figura 3 – Perfil do candidato mais votado, em cada município, nas eleições para deputado estadual, em MG, em 2010



Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

Primeiro colocado X segundo colocado

Os exercícios anteriores revelaram que os candidatos à reeleição foram os mais votados em mais de 70% dos municípios mineiros, nas eleições federais e estaduais. Tais dados comprovam, mais uma vez, que eles possuem força e presença eleitoral em todo o Estado. De certa maneira, esses resultados já eram esperados, pois, ao longo deste trabalho, tem sido apresentada a desproporcionalidade da força desses candidatos. O que ainda não foi mostrado – e que será explorado agora – é qual é a dinâmica de disputa que está escondida por trás da dominância eleitoral dos candidatos à reeleição. Para isso, demonstrar-se-á como se deu a principal disputa dentro dos municípios, verificando qual foi o perfil do segundo colocado, que, provavelmente, foi quem

mais retirou votos do primeiro. Essa análise pode apontar quais seriam os principais desafiantes dos candidatos à reeleição.[8] Para efetuar essa tarefa, foi realizada uma comparação entre o perfil do candidato mais votado, no município, e o perfil do segundo candidato mais votado.

Como resultado, temos que, em 44% dos municípios na eleição federal e em 45% deles na eleição estadual, o primeiro e o segundo mais votados foram candidatos à reeleição (tabela 7). Portanto, em quase metade dos municípios mineiros, a principal disputa eleitoral se deu entre dois candidatos à reeleição. Essa disputa significa que um candidato à reeleição, provavelmente, não permitiu que outro candidato à reeleição obtivesse predomínio eleitoral no município. Esse compartilhamento dos redutos eleitorais pode ser um dos fatores que contribuíram para que candidatos à reeleição apresentassem algumas derrotas eleitorais, pois eles disputaram o pleito contra outros candidatos à reeleição[9]. Destaca-se, também, que em 89% dos municípios, na eleição para deputado federal, e 88%, na disputa para estadual, os candidatos à reeleição figuraram ou em primeiro ou em segundo lugar entre os mais votados do município (tabela 7).

8 O exercício realizado é meramente ilustrativo, serve apenas para possíveis inferências sobre os cenários de disputa nas eleições legislativas brasileiras. Como os municípios não são a unidade distrital das eleições e grande número de candidatos obtém votação em vários municípios, a proposta analítica apresenta apenas um cenário minimalista da disputa eleitoral no município. Mesmo assim, acredita-se que ela traz novidades para os estudos legislativos.

9 Podem existir também outras disputas entre candidatos à reeleição. Por exemplo: candidatos que têm votação dispersa (votos em diferentes municípios) e buscam eleitores por afinidades com determinada causa, movimento social, perfil, etc. Eles também podem disputar votos entre si, e, assim, um candidato pode prejudicar o outro.

Tabela 7 – Perfil do candidato mais votado X perfil do segundo candidato mais votado, nos municípios de Minas Gerais, em 2010

Perfil do mais votado e do segundo mais votado			Federal		Estadual	
Mais votado		**Segundo mais votado**	**Casos**	**%**	**Casos**	**%**
Reeleição	X	Reeleição	378	44%	383	45%
Reeleição	X	Alta qualidade	139	16%	106	12%
Reeleição	X	Novato	104	12%	140	16%
Alta qualidade	X	Alta qualidade	40	5%	37	4%
Alta qualidade	X	Novato	18	2%	24	3%
Alta qualidade	X	Reeleição	95	11%	64	8%
Novato	X	Novato	14	2%	21	3%
Novato	X	Alta qualidade	19	2%	16	2%
Novato	X	Reeleição	46	6%	62	7%
		Total	**853**	**100%**	**853**	**100%**

Fonte: Elaboração do autor. Os dados foram compilados a partir de informações do TSE, da ALMG e da Câmara dos Deputados

Neste artigo, mostrou-se o quanto os candidatos à reeleição são superiores aos outros candidatos. No cenário analítico proposto, voltado para comparação entre os perfis de candidatos, não há dúvidas de que a diferença entre eles apontou desequilíbrio eleitoral em favor dos candidatos à reeleição.

Assim, entende-se que o grau de competitividade das eleições é baixo, pois um perfil domina praticamente toda a disputa eleitoral. Por outro lado, os dados apresentados na tabela 7 trazem outra perspectiva sobre a competitividade das eleições legislativas brasileiras. Apesar de os resultados reafirmarem o poder eleitoral dos candidatos à reeleição – que são os primeiros ou segundos colocados em praticamente 90% dos municípios (tabela 7) – o fato de travarem disputas entre eles mesmos (reeleição *versus* reeleição), em quase metade dos municípios, sinaliza uma forte competição eleitoral entre candidatos à reeleição. Essa competição, em parte, torna a disputa eleitoral mais acirrada, ou seja, faz com que as eleições sejam mais competitivas entre eles.

Vale destacar, como apresentado na discussão teórica deste trabalho, que, no cenário distrital norte-americano – onde as eleições legislativas são realizadas a partir de fórmula majoritária, com a vitória de um candidato por distrito –, os candidatos à reeleição não disputam votos entre si. A fórmula eleitoral, bem como o desenho dos distritos, faz com que cada incumbente tenha como concorrente apenas candidatos que não são deputados, ou seja, que não usufruem dos benefícios proporcionados pelo mandato legislativo. No caso do Brasil, onde o desenho institucional permite que cada candidato concorra contra todos os outros candidatos, o cenário torna-se mais difícil para o candidato à reeleição. Afinal, como mostrado na tabela 7, aqui o desafiante, em cerca de metade dos municípios, é também incumbente, o que aumenta o grau de incerteza sobre a carreira política ou, visto de outro modo, aumenta o grau de competitividade nas eleições.

Apesar de os resultados desta pesquisa serem referentes apenas a um determinado período eleitoral (2010), em um único estado (MG), a semelhança entre o desempenho dos candidatos de um mesmo perfil, nas eleições para deputado federal e para deputado estadual, parece demonstrar um padrão no tamanho da força eleitoral de cada perfil. Estudos futuros mostrarão se os indicativos ora apresentados são realmente um padrão de comportamento ou apenas um fato isolado.

5 – Considerações finais

As análises desenvolvidas neste artigo mostram que a adaptação da classificação de perfis de candidatos proposta por Jacobson (1989) pode ser útil para compreender o desempenho eleitoral dos candidatos nas eleições legislativas brasileiras. O conjunto de resultados comportou-se como esperado: os candidatos à reeleição obtiveram desempenho superior aos de alta qualidade, que, por sua vez, foram mais votados que os novatos. Isso mostra que, nas eleições legislativas, a experiência política prévia dos candidatos traz vantagens significativas para o seu desempenho. Ou seja, os candidatos que já possuem capital político apresentam desempenho superior àqueles que ainda não possuem tal experiência.

As estatísticas descritivas, bem como as análises da posição eleitoral em cada município, mostram quanto o desempenho dos candidatos novatos é frágil em relação ao dos candidatos à reeleição e de alta qualidade. Mesmo sendo o perfil que mais possui candidatos (praticamente 80% deles), tanto na disputa federal como na estadual, sua força eleitoral é muito fraca em comparação com os dois outros perfis. Deve-se destacar que alguns candidatos novatos apresentam desempenho superior à média do grupo e, até mesmo, são eleitos. Porém, isso não é suficiente para que eles alterem o desempenho médio do grupo.

Pode-se dizer que os resultados apresentados apontaram indícios nas direções esperadas pelas três hipóteses propostas. Os candidatos à reeleição apresentaram-se como o perfil eleitoralmente mais forte e consistente, o que corrobora para a confirmação da primeira hipótese. Já os candidatos de alta qualidade, em praticamente todas as análises, estão em posição intermediária, mais fortes que os candidatos novatos e mais fracos do que os candidatos à reeleição, como esperado pela segunda hipótese. Como sugerido pela terceira hipótese, os candidatos novatos são o perfil mais frágil, pois apresentaram fraco desempenho eleitoral em quase todos os cenários analíticos propostos.

Pelos dados, percebe-se que, apesar do grande conjunto de candidatos em disputa para pequeno número de cadeiras disponíveis (523

candidatos para 53 cadeiras nas eleições federais e 938 candidatos para 77 cadeiras nas estaduais), o total de candidatos com desempenho eleitoral relevante é bastante reduzido. Pode-se afirmar que as eleições legislativas são realmente disputadas por menos da metade dos candidatos e, também, que a maioria dos concorrentes são meros figurantes em um espetáculo eleitoral de grandes proporções.

Os resultados aqui apresentados também jogam luz sobre dois grandes debates normativos da ciência política: os padrões de igualdade competitiva em eleições democráticas (DAHL, 2005) e a institucionalização das casas legislativas (POLSBY, 1968). Apesar de esses dois debates teóricos estarem em arenas distintas, de certa maneira, eles dialogam entre si. Com relação à competitividade nas eleições legislativas, os dados apresentados foram bastante contundentes ao demonstrarem que, quando a análise é realizada com o foco na disputa entre candidatos à reeleição e desafiantes – no caso brasileiro –, não há dúvida sobre a predominância eleitoral imposta pelos candidatos à reeleição. Por outro lado, a constante disputa entre candidatos à reeleição *versus* candidatos à reeleição, proporcionada pelo conjunto de regras eleitorais adotadas no Brasil, pode ser um fator que aumenta o grau de competitividade nas eleições e, consequentemente, contribui para derrotas de determinados candidatos à reeleição. Na perspectiva levantada por POLSBY (1968), esse seria um ponto negativo no sistema eleitoral brasileiro, pois, para ele, um dos indicadores do grau de institucionalização das casas legislativas seria a capacidade de elas manterem uma composição estável. Para isso, elas desenvolveriam barreiras para a entrada de novos membros e incentivos para a permanência de antigos membros. Como a disputa entre candidatos à reeleição pode aumentar a probabilidade de derrota de um deles, o sistema eleitoral brasileiro dificultaria a institucionalização de suas casas legislativas.

Em momento de grande clamor por reformas políticas, este trabalho pretende trazer um elemento a mais para o debate: o grau de competitividade existente nas eleições legislativas. Acredita-se que tal tema deve ser mais bem discutido, pois, como apresentado na introdução do trabalho, uma das principais vantagens do sistema eleitoral proporcional de lista aberta seria a sua abertura

democrática, permitindo que diferentes perfis de candidatos disputem as eleições. Os dados apresentados aqui mostram que esse sistema eleitoral não é tão aberto quanto parece, pois apenas uma pequena parcela dos candidatos apresenta desempenho eleitoral satisfatório. Com essa constatação, entende-se que é necessário pesquisa mais profunda sobre as causas que explicam o desempenho de cada perfil. Porém, isso é assunto para trabalhos futuros. Acredita-se que o dimensionamento da força eleitoral apresentado aqui já foi um importante primeiro passo para o debate.

6 – Referências bibliográficas

ABRAMOWITZ , Alan I.; ALEXANDER, Brad; GUNNING, Matthew. Incumbency, Redistricting, and the Decline of Competition in U.S. House Elections. **The Journal of Politics**, vol. 68, n. 1 (Feb., 2006), pp. 75-88.

AMES, Barry. Electoral Strategy under Open-List Proportional Representation. **American Journal of Political Science**, vol. 39, n. 2 (May, 1995), pp. 406-433.

AMES, Barry. **Os entraves da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CAREY, John M. et al. Incumbency and the Probability of Reelection in State Legislative Elections. **The Journal of Politics,** vol. 62, n. 3 (Aug., 2000), pp. 671-700.

CARSON, Jamie L.; ENGSTROM, Erik J., ROBERTS, Jason M. Candidate Quality, the Personal Vote, and the Incumbency Advantage in Congress. **The American Political Science Review**, vol. 101, n. 2 (May, 2007), pp. 289-301.

CARVALHO, Nelson Rojas. **E no início eram as bases**. Geografia política do voto e comportamento legislativo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

COX, Gary W; KATZ, Jonathan N. Why Did the Incumbency Advantage in U.S. House Elections Grow? **American Journal of Political Science**, vol. 40, n. 2 (May, 1996), pp. 478-497.

DAHL, Robert A. **Poliarquia: Participação e Oposição**: Tradução Celso Mauro Paciornik – 1.ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. – (Clássicos;9).

FIORINA, Morris P. **Congress Keystone of the Washington Establishment**. Yale University Press, 1977.

JACOBSON, Gary C. Strategic Politicians and the dynamics of U.S. House elections, 1946-86. **American Political Science Review,** vol. 83, n. 3, september 1989.

JACOBSON, Gary. **The politics of congressional elections**. Harper Collins Publishers, 1992.

KREHBIEL, Keith; WRIGHT, John R. The Incumbency Effect in Congressional Elections: A Test of Two Explanations. **American Journal of Political Science**, vol. 27, n. 1 (Feb., 1983), pp. 140-157.

MAYHEW, David R. **Congress: The electoral connection**. Yale University, 1974.

NICOLAU, Jairo (2007). O sistema eleitoral de lista aberta no Brasil. In: NICOLAU, JAIRO e POWER, TIMOYHY (org). **Instituições representativas no Brasil.** Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, pp. 97-123.

PEREIRA , Carlos; RENNÓ, Lucio. O que é que o reeleito tem? Dinâmicas político-institucionais locais e nacionais nas eleições de 1998 para a Câmara dos Deputados. **Dados,** vol. 44 n. 2, Rio de Janeiro, 2001.

PEREIRA, Carlos; RENNÓ, Lucio. O que é que o reeleito tem? O retorno: o esboço de uma teoria da reeleição no Brasil. **Revista de Economia Política**, vol. 27, n. 4 (108), pp. 664-683, out./dez.-2007.

POLSBY, Nelson. (1968). The institutionalization of the U.S. House of Representatives. **American Political Science Review**, vol. 62, n. 1, pp. 47-60.

SAMUELS, David. Incumbents and Challengers on a Level Playing Field: Assessing the Impact of Campaign Finance in Brazil. **The Journal of Politics**, vol. 63, n. 2 (May, 2001), pp. 569-584.

SILVA Júnior, J. A. Vença se for capaz – reeleição parlamentar, distritos eleitorais e partidos no Brasil. 2013. 203f. **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2013.